
Das clássicas às contemporâneas: Moana e um novo paradigma de princesas Disney¹

Glaucenilda da Silva GRANGEIRO²
Beatriz Borges Azevedo de ALCÂNTARA³
Margarete Almeida NEPOMUCENO⁴
Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar o filme Moana – um mar de aventuras produzido pela Disney, no ano de 2016, e como ele significou uma quebra nos paradigmas de como são representadas no cinema suas princesas desde a década de 1930. O grande destaque da animação é a ausência de um par romântico para a protagonista, além de dar destaque as figuras femininas no filme como a avó Tala, a deusa Te Fiti e Sina, mãe de Moana. As questões de gênero e de identidade perpassam por toda a história e levam o espectador a refletir sobre o deslocamento da representação de princesa nos contos de fadas.

PALAVRAS-CHAVE: Identidade; Cinema; Princesas; Disney.

Introdução

Na maioria das vezes, quando crianças, os meninos sonham em ser super-heróis, enquanto as meninas sonham em ser princesas de algum conto de fadas. Essas crianças são educadas assistindo filmes sobre esses personagens, alimentado um desejo de identidade com o que veem refletido em tela. Boa parte destes filmes foram produzidos por *The Walt Disney Company*, companhia fundada em 16 de outubro de 1923, por Walt Disney e Roy Oliver Disney.

Considerada pioneira na indústria de animação, a *Disney Brothers Cartoon Studios*, conhecida popularmente como Estúdios Disney, se tornou responsável pelo lançamento de diversos sucessos em animações infantis, entre elas as que retratavam histórias de princesas.

Branca de Neve e os Sete Anões foi seu primeiro longa-metragem, começou a ser produzido no ano de 1934, mas demorou três anos para ser concluído, tendo estreado em

¹ Trabalho apresentado na IJ04 - Comunicação Audiovisual do XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 30 de maio a 1 de junho de 2019.

² Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Jornalismo da UFPB, e-mail: glaucy.grangeiro@yahoo.com.br

³ Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Jornalismo da UFPB, e-mail: azdbea@gmail.com

⁴ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo da UFPB, e-mail: margaretea@gmail.com

dezembro de 1937. Nascia ali o reinado das princesas da Disney. Em 2012, a *Pixar Animation Studios*, pertencente a *Walt Disney Company*, lançou sua primeira princesa no filme *Valente*, que também se incorpora ao time de referências infantis de princesas.

Depois de Branca de Neve, muitas outras princesas surgiram: Cinderela (1950), Aurora (1959), Ariel (1989), Bela (1991), Jasmine (1992), Pocahontas (1995), Mulan (1998), Tiana (2004), Rapunzel (2011), Mérida (2012 - Pixar), Elsa e Anna (2014) e Moana (2016). (Figura 1)

Figura 1 – Princesas Disney - sequência da esquerda para a direita, respectivamente - Moana, Rapunzel, Mulan, Pocahontas, Elsa, Anna, Aurora, Cinderela, Mérida, Tiana, Bela, Ariel, Jasmine e Branca de Neve



Fonte: imagem disponível em: <http://oblogdosnomes.blogspot.com/2017/06/nomes-das-princesas-disney-atendendo.html>. Acesso em: 13 out. 2018.

Sem querer entrar propriamente na discussão se algumas são ou não consideradas princesas da Disney, uma vez que tecnicamente Elsa é uma rainha e alguns não consideram as filhas dos chefes de tribos, Moana ou Pocahontas, como princesas, no entanto, para esse estudo considero todas elas como princesas Disney.

Responsáveis por influenciar meninas no mundo inteiro com o fator identitário, as primeiras princesas da Disney eram brancas, altas e magras. Apenas em 1992 esse fator seria modificado, no filme *Aladdin*, com a presença de Jasmine, onde se quebrou a então hegemonia das princesas brancas. De lá para cá outras personagens saíram do padrão hegemônico das princesas da Disney, que em sequência produziram Pocahontas (1995), Mulan (1998) e Tiana (2004). No entanto, é em 2017 que surge uma personagem que quebra todos os padrões de princesa Disney, a Moana, do filme *Moana – um mar de aventuras* (2016).

O objetivo da pesquisa é mostrar como o ideal de princesa da Disney veio se modificando e se reconstruindo com o tempo, alcançado uma maior diversidade de identidades das personagens das animações. No caso da pesquisa, o foco de análise será na personagem

Moana, a qual representa um avanço na construção da identidade feminina nas personagens das animações Disney e na perspectiva de um novo conceito de princesa.

Sobre a história do filme

A história de Moana se passa em uma ilha mítica situada na Oceania, a protagonista é filha do chefe da tribo Motunui. Vive com seu pai, sua mãe e sua avó Tala, esta, se torna a pessoa que mais a incentiva a ir em busca de seus sonhos. Moana se sente atraída pelo oceano desde pequena e seu grande sonho é navegar por mar aberto, no entanto existe uma lei na tribo que proíbe isso. Moana cresce e com isso aumenta também o seu desejo de velejar, o qual é sempre repellido por seu pai.

Muitas lendas fazem parte da história da ilha, e a principal é a que conta a história sobre a deusa Te Fiti. Essa deusa teria criado todas as ilhas e toda a natureza que nelas habitam, no entanto, teria tido seu coração roubado por um semideus ambicioso, um guerreiro chamado Maui, que como castigo teria tirado o seu anzol, o qual havia sido presente dos deuses, e que lhe o poder de se transformar em outros seres.

Quando a ilha do povo de Moana começa a ser castigada pela deusa com a falta de peixes no mar e as frutas secando nas árvores, a jovem decide que era hora de partir em busca de Maui para que juntos possam devolver o coração roubado a Te Fiti.

Moana enfrenta muitas dificuldades em alto mar, e é acompanhada pelo seu frango de estimação, Hei Hei. Ao encontrar Maui tenta convencê-lo a ajudá-la nessa missão, o que não acontece de imediato. No início, Maui se mostra bem relutante em ajudar a jovem. Outro personagem que ganha importância nessa aventura de Moana é o mar, que caracterizado por uma pequena onda está sempre ajudando a garota nos momentos de dificuldades.

Em Moana, as personagens femininas se destacam: a própria protagonista, sua avó e conselheira, a mãe de Moana, que ao surpreender a filha tentando fugir para o mar, a ajuda e não a entrega a seu pai, totalmente contrário à ideia da partida da filha, e, a deusa Te Fiti, uma deusa mulher, criadora de tudo que tem vida na história.

O cinema e o poder da representação identitária

A construção da identidade dos sujeitos perpassa muitas vezes pela forma de como nos percebemos em relação ao outro e a nós mesmos. O cinema é responsável por catalisar esse processo identitário por meio de imagens. Imagens que por vezes representam a cultura que vivenciamos e por isso delineiam as formas de como nos comportamos em relação ao mundo, no entanto, essas imagens são múltiplas e transbordam para além da subjetividade dos sujeitos, por isso, Stuart Hall afirma que:

A medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente. (HALL, p.13, 2011)

Procurar delimitar e enquadrar um indivíduo em uma “categoria” identitária pré-definida teria sido tarefa do mundo moderno, todavia, atualmente com a multiplicidade de opções de identidades que podemos assumir, isso já não é possível. Se pode pensar em sujeitos que estão e não mais em sujeitos que são alguma coisa, as identidades não são mais fixas, e estes são os sujeitos pós-modernos. Jacques Rancière nos fala que:

A imagem nunca é uma realidade simples. As imagens do cinema são antes de mais nada operações, relações entre o dizível e o visível, maneira de jogar com o antes e o depois, a causa e o efeito. Essas operações mobilizam funções-imagens diferentes, sentidos distintos da palavra imagem. (RANCIÈRE, p. 14, 2012)

Os filmes produzem narrativas simbólicas, que nos aproximam das personagens em tela, por isso, nos sentimos tão atraídos por filmes com o qual nos identificamos com tais personagens. Nesse sentido, quando foi lançado o filme Moana – um mar aventuras, algumas pessoas não consideraram Moana uma princesa, para alguns com senso crítico mais técnico ela não descendia de uma linhagem real por pertencer a uma tribo de uma ilha no meio do Pacífico, ou ainda por ela se diferenciar da imagem historicamente construída de princesa e fixada na mente do telespectador, como de uma garota glamourizada, da donzela em perigo ou de não ter um par romântico para casar no final do conto, e isso demonstra que “compreender um filme é compreender sua gramática: contar a história resulta de elementos subjetivos de percepção da narrativa. E isso, como o gosto, está confinado às nossas experiências mentais” (SILVA, p182, 2006).

Os traços físicos de Moana também demarcam um outro olhar comparativo sobre a aparência das demais princesas da Disney, construídas desde 1937, quando surgiu Branca de

Neve, que traz os seus traços físicos até no nome, o qual não basta ser branca, mas, que ela é tão branca como a neve. Para Claudia Cordeiro Rael:

Assistimos os desenhos sem perceber que eles estão se constituindo e ensinando o que é ser mulher, o que é ser homem, ser criança, ser branco ou ser negro. Embora muitos desses produtos culturais, como os desenhos estejam ligados ao lúdico, ao prazer e, por isso, sejam considerados como “inocentes” demais para merecerem uma análise política, eles necessitam ser analisados como pedagogias culturais que participam ativamente na construção de identidades culturais. (RAEL, p.161, 2008)

Moana exibe uma pele bronzeada, condizente com a região onde se passa a história do filme. Não é muito alta, tem cabelos crespos e corpo delineado, pernas grossas, se afastando também da ideia de magreza e de rostos afilados que as outras princesas ostentavam (Figura 2). Surgia ali uma princesa da Disney que representava muitas meninas que não se identificavam com outras princesas já vistas nas telonas.

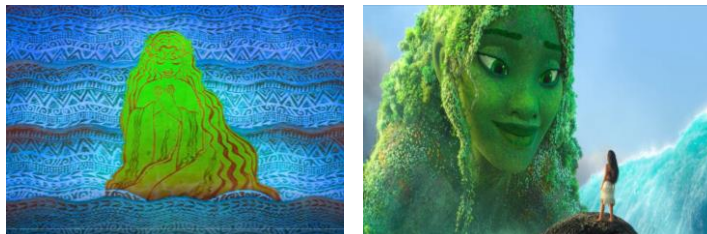
Figura 2 – Moana Waiiliki e a desconstrução da identidade física tradicional das princesas Disney.



Fonte: Imagem disponível em: http://pt-br.disney.wikia.com/wiki/Moana_Waiiliki. Acesso em 15 out. 2018.

Além do mais, o filme mostra a força do protagonismo feminino, pois além de Moana, também se destacam sua mãe, sua avó Tala, mentora da neta e a deusa Te Fiti. Sobre Te Fiti, logo no início do filme ela é descrita pela avó Tala que diz o seguinte: “no início, havia só o oceano, até que a ilha mãe emergiu, Te Fiti. Seu coração tinha o maior de todos os poderes: o poder de criar a vida. E Te Fiti dividiu isso com o mundo” (Figuras 3 e 4).

Figura 3 e 4 – Te Fiti – a deusa mãe, símbolo maior do povo de Motunui.



Fonte: captura de tela do DVD do filme Moana – um mar de aventuras, 2017.

A representação de uma deusa com o poder da criação de toda espécie de vida naquele lugar desloca o maior poder místico de uma sociedade para a figura feminina, o que impõe respeito e admiração para com ela por parte do povo de Motunui.

Sina, a mãe de Moana também tem seu momento de destaque, um dos pontos centrais da história é o momento da “fuga” de Moana da ilha para o mar, o que era constantemente evitado pelo seu pai desde a infância. Ao ser flagrada pela mãe quando guardava mantimentos para levar em sua viagem, Moana se assusta achando que seria entregue por ela ao seu pai, porém se surpreende ao ser ajudada pela mãe a recolher as coisas e seguir em frente com os seus planos.

Figuras 5 e 6 – Sina ajuda a filha a fugir e a acoberta do pai.



Fonte: captura de tela do DVD do filme Moana – um mar de aventuras, 2017.

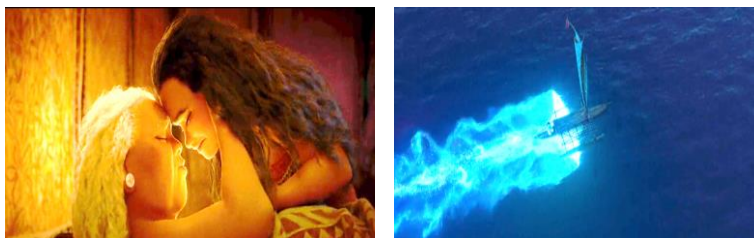
Mas sem dúvida, das personagens femininas coadjuvantes do filme, a que mais se destaca é a sua avó Tala. Ela e Moana mantinham uma relação de cumplicidade desde o início e que ultrapassou a morte. Em uma das canções do filme Tala canta o seguinte: “A vila me acha louca /Diz que eu sonho até demais/Mas quem sabe ser feliz/Não volta atrás”, demonstrando segurança sobre si, não importa o que os outros pensam.

Quando Moana fugiu escondido para o mar pela primeira vez, ao voltar estava com o pé machucado e encontrou sua avó na praia, com medo de que seu pai descobrisse o que tinha feito, perguntou a avó se ela iria contar, ela respondeu para a garota: “Eu sou a mãe não tenho que contar nada pra ele”. Demonstrando que existia poder matriarcal naquela ilha. Tala foi a pessoa que mais incentivou Moana a ser quem queria, inclusive se isso contrariasse seu próprio

filho: “Teimosa e orgulhosa /Tão igual seu pai /Respeite, mas siga sempre/ Esse sonho que te atrai”, ela defende a relação de respeito entre pai e filha, mas isso não é condição definitiva para que a neta não tenha rédeas sobre sua própria vida.

Outra cena emocionante foi a morte de Tala. Em seu leito de morte ela incentivou a neta a não desistir de seus sonhos: “Vá o oceano te escolheu, ache o Maui e quando chegar bem perto dele diga: sou Moana de Motunui. Seja onde for que você vá eu sempre estarei contigo.” Logo em seguida, quando Moana deixa a ilha e já está em alto mar a sua avó se torna uma arraia brilhante que acompanha seu barco na missão de devolver o coração de Te Fiti (figuras 7 e 8).

Figura 7 e 8 – Morte da avó de Moana e sua transformação em arraia.



Fonte: captura de tela do DVD do filme Moana – um mar de aventuras, 2017.

Diante de muitos problemas que a personagem enfrenta para devolver o coração de Te Fiti, após brigar com Maui e ser abandonada em alto mar por ele na missão, Moana desanima, passa por uma crise de identidade e pensa até em desistir, e é neste momento mais uma vez que a figura da avó retorna para lhe incentivar e mostrar que ela é capaz de tudo (figuras 9 e 10). Tala canta:

O mundo parece injusto
E a história vai te marcar
Mas essas marcas revelam
Teu lugar
Encontros vão te moldando
Aos poucos te transformando
E nada no mundo cala
A voz que vem num encanto
E te pergunta baixinho
"Moana, quem é você?"
Moana, tente, você vai se encontrar
Você foi sempre um orgulho
Tão forte e especial
Que ama o mar e seu povo
De um jeito tão natural
O mundo parece injusto
E a história vai te marcar

Mas essas marcas revelam
Teu lugar

Encontros vão te moldando
Aos poucos te transformando
E nada no mundo cala
A voz que vem num encanto
E te pergunta baixinho
"Moana, quem é você?"

Moana, tente, você vai se encontrar.

(Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/disney/eu-sou-moana/>.

Acesso em 10 out. 2018)

Figura 9 e 10 – O espírito da avó de Moana lhe guia durante a sua aventura no mar.



Fonte: captura de tela do DVD do filme Moana – um mar de aventuras, 2017.

As figuras femininas se destacam no filme, Moana é incentivada a seguir em frente, tem sua autoestima cativada, sua alma empoderada. Outras características marcantes que envolvem a personagem é a descoberta de si e aprender a ser responsável a partir de suas escolhas. Dessa forma, o cinema contribui com a produção de identidades de meninas/mulheres fortes, determinadas e que vão buscar seus objetivos e realizar seus sonhos, mostrando que isso depende delas, tão somente delas.

A desconstrução de um ideal de princesa

O que quase todos os filmes da Disney que tem uma princesa em sua narrativa possuem em comum? A resposta seria o ideal de amor romântico e a necessidade de serem salvas por um príncipe encantado. Nestas histórias, a personagem feminina tem seu desenlace atribuído ao amor romântico de um homem, como sinônimo de felicidade para o Era uma vez. Nesse sentido Patrícia Veronica Moreira e Jean Cristtus Portela afirmam que:

Até a década de 90, mesmo quando a personagem protagonista é uma heroína, caso comum nos filmes de princesas, tem-se, normalmente, uma personagem masculina que assume a parte final da jornada do herói e desloca a figura feminina da “heroína” para o objeto de valor da narrativa, tal qual se espera no gênero conto de fadas, em que a personagem (Branca de Neve, Bela, etc.)

deve ser resgatada para que o filme alcance seu caráter veridictório. (MOREIRA; PORTELA, p 262, 2018)

Branca de Neve, Cinderela e Aurora podem ser consideradas como princesas clássicas, uma vez que elas assumem o papel do que se espera de uma princesa de contos de fadas, a de ser a mocinha em perigo, que espera pacientemente ser salva pelo seu príncipe encantado, além do mais, apresentam comportamento pacífico, são meigas, femininas, gentis e românticas.

As princesas seguintes já começam a delinear novas formas de comportamento e a levantar novos questionamentos para o seu papel dentro das histórias, apesar de essa transformação ir acontecendo lentamente, são elas as princesas rebeldes. Karine Elisa Luchtemberg dos Santos Lopes constata que:

Essa mudança de comportamento das princesas, essa “rebeldia”, pode ser explicada pela mudança de valores promovida com o desenvolvimento da sociedade de consumo. Estabelecendo uma nova cultura que prezava a felicidade individual, esses novos valores desqualificaram o antigo estereótipo de mulher do lar e garantiram um novo modelo social feminino que não mais depende da influência tradicionalista dos homens. As mulheres passam a ser protagonistas de suas próprias vidas. (LOPES, p.44, 2015)

Na própria trilha sonora é perceptível essa mudança no foco delas, enquanto nas princesas clássicas o objetivo central de vida é o casamento, ter filhos, cuidar do castelo e do príncipe, nas princesas que seguem, entre o final da década de 1980 e década de 1990, elas começam a ter o sonho de liberdade, no entanto, ainda estão arraigadas a valores das antigas princesas, além de ainda enfrentarem toda uma sociedade que as repreende, fora isso, não há também a dissociação entre felicidade pessoal e o amor por um homem.

No filme *A pequena sereia* (1989), apesar de Ariel se mostrar uma garota inconformada com a vida que a leva a sentir necessidade de expandir suas fronteiras de conhecimento, posteriormente ela atrela a sua liberdade/felicidade à paixão por um homem, e para conseguir esse objetivo entrega seu bem mais precioso: sua voz. Em uma canção do filme, intitulada *Pobres corações infelizes*, Úrsula, principal antagonista da história, propõe essa troca e a aconselha:

O homem abomina tagarelas, garota caladinha ele adora,
se a mulher ficar falando o dia inteiro fofocando,
o homem se zanga, diz adeus, e vai embora, não!
Não vá querer jogar conversa fora, os homens fazem tudo
pra evitar, sabe quem é mais querida, é a garota retraída,
e só as bem quietinhas vão casar...
É hora de resolver o negócio, entre nós, eu sou muito

ocupada e não tenho o dia inteiro, o meu preço?

É a sua voz. (disponível em: <https://www.lettras.mus.br/disney/393837/>. Acesso em 10 out. 2018)

Para Virginia Therezinha Kesting “essa música não só demonstra qual a posição desejada que uma mulher deve assumir caso queira ter um relacionamento amoroso ideal, como a situação que a envolve mostra que as mulheres devem sacrificar qualquer coisa em nome do amor” (KESTERING, p.115, 2017). Esse lugar de submissão da figura feminina em nome de um amor romântico começa a mudar, e as narrativas da Disney percebem que também precisam adaptar suas histórias de acordo com o avanço das mudanças sociais.

Essas mudanças decorrem principalmente do surgimento da pós-modernidade e consequentemente do aparecimento de sujeitos com identidades pós-modernas. Eduardo Jorge Duque afirma que:

A identidade na pós-modernidade encontra um mundo em profunda mudança. Já não podemos falar da identidade de Heráclito ou de Parmênides ou até mesmo de Kant. Em termos hermenêuticos do essencial sim, mas em termos estruturais não, isto porque o mundo entrou num processo de aceleração tremendo, desafiando as suas próprias definições, conceitos; duvidando da sua própria razão; espartilhando os seus próprios fragmentos; enfim, o fenômeno da modernidade parece ter esgotado os seus valores: o crescimento, a velocidade, a mobilidade e de igual forma a revolução, esvaziaram-se de conteúdo. Tudo está em transformação. (DUQUE, 2003, p.42)

As princesas da Disney refletem-se nessa transformação e por isso a postura por elas assumidas nas animações também acompanham as mudanças no universo feminino, destacando o empoderamento das personagens e sua forma de vivenciar aspectos de diferentes maneiras como a corporeidade, a beleza, a independência e o amor.

Em um salto no tempo, já na década dos anos 2000, é perceptível uma mudança no foco do que as princesas buscam e valorizam, podemos encontrar aí as princesas pós-modernas. Nessas história também há espaço para outras formas de amor como em Valente (2012) , que não é uma produção da Disney, mas sim da Pixar, em que se valoriza o amor entre mãe e filha, e em Frozen- uma aventura congelante (2014) baseado no amor entre irmãs.

Na animação A princesa e o sapo (2004), Tiana é negra e de família pobre, ela acredita que o trabalho é a principal forma de mudar de vida. Apesar de o filme ter como pano de fundo também um romance, em uma canção do filme, chamada Quase Lá, Tiana deixa bem claro qual é a sua prioridade:

[Tiana]
Estou sem tempo pra distrações
Preciso trabalhar
[Mãe]
eu quero netinhos para cuidar
[Tiana]
Esta cidade na verdade
Faz a gente se acomodar
Eu sei muito bem pra onde estou indo
E sinto que qualquer dia vou chegar
Estou quase lá, quase lá
Dizem por aí que sou doída
Mas deixo pra lá
Lutas e problemas
Tive já
Mas agora não vou desistir
Porque eu estou quase lá
Disponível em: <https://www.letras.mus.br/disney/1603277/>. Acesso em 14
out. 2018

Nessa linha do tempo das transformações no caráter das princesas, perceptíveis também através das trilhas sonoras dos filmes, chegamos ao ano de 2017. Na animação Moana – um mar de aventuras, dá para perceber que a protagonista tem uma atitude determinada em relação ao que acredita. Ela é independente e tem personalidade para fazer o que acha melhor para o seu povo. A música Saber Quem Sou cantada pela personagem diz o seguinte:

Tento não causar nenhuma mágoa
Mas sempre volto pra água
Mas não posso evitar

Tento obedecer, não olhar pra trás
Sigo meu dever, não questiono mais
Mas pra onde vou, quando vejo, estou onde eu sempre quis

O horizonte me pede pra ir tão longe
Será que eu vou?
Ninguém tentou
Se as ondas se abrirem pra mim de verdade
Com o vento eu vou
Se eu for, não sei ao certo quão longe eu vou
Eu sou moradora dessa ilha
Todos vivem bem na ilha
Tudo tem o seu lugar
Sei que cada cidadão da ilha
Tem função nessa ilha
Talvez seja melhor tentar

Posso liderar o meu povo então

E desempenhar essa tal missão
Mas não sei calar o meu coração
Por que sou assim?
Disponível em: <https://www.letras.mus.br/disney/moana-saber-quem-sou/> Acesso em 10 out. 2018).

Moana parece nutrir sentimentos de liberdade para além do que as outras princesas pensaram. Quando ela afirma não querer causar nem uma mágoa, ela se refere ao pai, que a proibiu terminantemente de se aproximar do mar, mas ela sempre se sentiu atraída por ele. A jovem reconhece que cada um dos habitantes da ilha exerce sua função, e que a sua está longe dali, por isso é melhor tentar. Contudo isso não faz de Moana alguém sem noção de pertencimento ao seu lugar, pelo contrário, ela se distancia para defender os seus, nesse sentido, Róbson Peres Rocha e Taíse Souza Barfknecht, afirmam que:

É importante ressaltar que ao atravessar a linha dos corais a personagem não abandona suas tradições, isso fica simbolicamente explícito quando Moana descobre o galo Hei Hei dentro do barco, ele é um pedaço de seu passado, que logo depois de sua descoberta é salvo duas vezes, o que nos leva a entender que Moana o preserva sendo assim carregado durante toda a trama. Outro fato que leva a entender que mesmo buscando algo que não sabe o que é, Moana se identifica relacionalmente com sua Ilha é o fato de repetir constantemente “Eu sou Moana de Motonoi” (ROCHA; BARFKNECHT, p. 10, 2017)

Esse lado de Moana demonstra como ela tem o desejo de pensar por si, de ser independente e também de tomar iniciativas. Nessa história, a princesa não precisa de um príncipe para salvá-la, ela mesma salva a si e ao seu povo. E mesmo quando pede ajuda a Maui, figura masculina e robusta, ela não entrega a missão a ele, mas propõe o trabalho em equipe para devolver o coração de Te Fiti e salvar a ilha da sua tribo. Não é a mulher tentando se impor por cima do homem, mas trabalhando ao seu lado, em um lugar de igualdade.

Considerações finais

Moana – um mar de aventuras é a primeira animação da Disney em que a personagem feminina não está em busca do amor de um príncipe para completá-la, ela diz não ter tempo para historinhas de amor, pois precisa salvar sua ilha. Também dispensa o rótulo de princesa, isso significa metaforicamente um avanço no modo de se pensar o chavão de que “todo sonho de menina é tornar-se princesa” ou que toda princesa deve ter os mesmos sonhos, a mesma forma de vestir ou se comportar

Outro aspecto importante é que as características físicas de Moana não seguem o padrão das outras princesas, pois Moana é negra, tem cabelos crespos, tem baixa estatura e corpo torneado, não se encaixando nos padrões da aparência física que as princesas Disney carregam desde a década de 1930. Mesmo quando as personagens saem do “padrão” eurocêntrico como são os casos de Tiana, Pocahontas, Mulan e Jasmine carregam ainda o estereótipo da princesa clássica, apresentando traços físicos como serem altas, magras e possuírem rostos afilados.

São por todos esses motivos que Moana – um mar de aventuras pode ser considerado o filme que quebra os paradigmas do modelo de princesas Disney. Levando em conta a diversidade e a representação de muitas meninas que ao longo dos anos não se viam representadas seja na aparência física, no comportamento ou mesmo nos objetivos de vida, subvertendo o estereótipo de princesinha indefesa e percebendo que o mundo pode ser mais do que um simples “e viveram felizes para sempre”.

Referências bibliográficas

DUQUE, Eduardo J. 2003. "**A Identidade na pós-modernidade: um conceito histórico-**

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11 edição, 1 reimpressão. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

KESTERING, Virginia Therezinha. **Da princesa em perigo ao príncipe descartado o amor romântico nos filmes de princesa da Disney**. Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2017.

LOPES, Karine Elisa Luchtemberg dos Santos. **Análise da evolução do estereótipo das princesas Disney**. Centro Universitário de Brasília – UniCEUB: Brasília, 2015.

MOANA - Um mar de aventuras. Direção: John Musker e Ron Clements. Produção: Osnat Shurer. Intérpretes: Alan Tudyk, Auli'i Cravalho, Dwayne Johnson. Roteiro: John Musker, Ron Clements e Taika Waititi. Montador: Jeff Draheim. Trilha Sonora: Lin-Manuel Miranda, Mark Mancina e Opetia Foa'i. Duração: 113 minutos. Classificação: Livre. Gênero: Aventura e Comédia. País de origem: Estados Unidos da América. Lançamento: 2016 (Mundial)

MOREIRA, Patricia Veronica; PORTELA, Jean Cristtus. **A figura feminina nos filmes Disney: prática de representação identitária**. PERcursos Linguísticos. Vitória (ES): v. 8, n. 18, 2018 - ISSN: 2236-2592.

RAEL, Claudia Cordeiro. **Gênero e sexualidade nos desenhos da Disney**. LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre (organizadoras). Corpo, gênero e sexualidade4. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

RANCIÈRE, Jacques. **O destino das imagens**. Tradução de Mônica Costa Neto. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

ROCHA, Róbson Peres; BARFKNECHT, Taíse Souza. **A jornada de Moana: representação feminina na pós-modernidade**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2017. Disponível em: <https://pt.slideshare.net/LuizCarlosFigueiredo2/a-jornada-de-moana-representao-feminina-na-psmodernidade>. Acesso em: 15 out. 2018.

SILVA, Humberto Pereira da. **Ir ao cinema: um olhar sobre os filmes**. São Paulo: Musa Editora, 2006.